

A NOVA ECONOMIA E A FRÁGIL EUFORIA POR MAIS EMPREGOS

Eleonora Tinoco Beaugrand – UFRN

RESUMO

Este texto analisa alguns aspectos do surgimento da nova economia, a partir da evolução tecnológica, e os impactos sobre o mundo do trabalho. Autores sustentam a tese de que “a economia física está encolhendo” (RIFKIN, 2001), os ativos físicos diminuindo e os empregos estão se desmaterializando. Na verdade, embora a financeirização da riqueza esteja se dando na esfera especulativa, o capital industrial continua abastecendo as ações das empresas que produzem, geram empregos e completam o ciclo de reprodução capitalista. O processo de internacionalização da economia redefiniu novos espaços em detrimento de outros, desempregou trabalhadores em alguns lugares, criou empregos em outros. Como alerta, além de revelar os riscos de exclusão e a ameaça que ronda os trabalhadores do mundo inteiro, expôs as fragilidades estruturais das economias submissas às oscilações do mercado global.

Palavras-chave: Nova economia - Era informacional - Mercado de trabalho.

ABSTRACT

The emphasis in this paper is analyse some of the principal aspects about the new economy and its risks and harms to the traditional jobs. Many have argued for the new thinking about economy changes and found out how hard it is to compare it with the past ways, we used to deal with. It's knowing that many of the work and employment problems, we face today, are the result of the technological revolution and people have to live with. John Maynard Keynes observed that “*the difficult lies not in new ideas, but is escaping from old ones*”. For many people, the

new economy activities are the only opportunities for employment, and has been approved and welcome from most of the nations. As a result, the unemployment problems are less considered and replaced by government economic policy in order to increase and improve the developing indicators. and the implementation of the new sectors atteint only the economic objectives.

Key words: Work market - New economy - Informational age.

INTRODUÇÃO

O fascínio pelos encantos da mundialização tem levado muitos governos a se submeterem ao *globalitarismo*¹ ampliando o refrão dos que defendem e proclamam as vantagens da economia de mercado, do livre comércio, da desregulamentação e da integração entre as nações. Infelizmente a bússola da globalização não difunde a mesma luz para os quatro cantos do planeta. A tão festejada “era informacional”, carro-chefe da economia global, já exclui de início 2 bilhões de indivíduos que sobrevivem com menos de 1 dólar por dia, num mundo onde falta comida, água, luz, eliminando qualquer possibilidade de inserção. São os desconectados de origem.

Na corrida pelo produtivismo a qualquer preço e orientados pelo crescimento acelerado com produtividade e competitividade crescentes, muitos países adotaram novas estratégias de desenvolvimento, substituindo o tão almejado “economicamente correto” pelo “tecnologicamente correto”, sob pena de perder o bonde do progresso

¹ Globalitarismo: expressão usada por Ignácio Ramonet, editoralista do jornal francês *Lê Monde*, comparando os regimes globalizados aos regimes totalitários.

da história. Dessa forma, ficou mais fácil apontar como os culpados de todos os males recentes a tecnologia e o sistema financeiro mundial, camuflando a responsabilidade dos governos pela ausência de um projeto político de sociedade que orquestrasse necessidades locais e oportunidades na economia global. O risco de assistir ao “mercado que governa e ao estado que apenas gerencia” nunca esteve tão perto. O leito vazio deixado pela ausência de políticas públicas de emprego foi ocupado pelo rolo compressor das inovações técnicas que atingiu em cheio diferentes setores da economia, subtraindo do mercado de trabalho um contingente de trabalhadores que dificilmente conseguirão um novo emprego.

Para facilitar a implantação do “kit global” e atrair empresas e Investimentos Estrangeiros Diretos – IEDs – algumas medidas foram tomadas. Dentre as principais orientações de natureza neoliberal, destacamos a privatização das estatais, o processo de reestruturação das empresas, a desregulamentação da economia e a flexibilização do trabalho.

Como prelúdio do processo, observamos o impacto dessas transformações no mundo do trabalho, através dos programas de reestruturação produtiva, que além de desencadear a síndrome da precarização, propagada rapidamente, mergulhou os trabalhadores numa crise de incertezas, desestruturando o mercado de trabalho tradicional e deixando à deriva o sonho do emprego seguro como ponte para uma aposentadoria garantida.

O receituário recomendava, principalmente, os processos de *downsizing* (enxugamento de efetivos) para serem implementados nas empresas. Dessa forma, os grandes grupos, na busca por novos espaços de reprodução deixaram para trás, nos seus países de origem, milhões de demitidos, desafiando os governos a adotarem medidas reparadoras de caráter emergencial que dessem conta de atender aos novos desempregados. Dessa *vague deferlante* não escapou uma só nação. Todos os países capitalistas foram confrontados com as demissões maciças, além de outras nações, como a China, que na transição para uma economia de mercado adotou um enorme programa de reestruturação nas empresas estatais demitindo mais de 30 milhões

de trabalhadores. Para a dinamização e revitalização de empresas, o sudeste asiático despontou como a nova opção de desenvolvimento, oferecendo um mercado consumidor de 2,7 bilhões de habitantes, taxas de crescimento em torno de 10% e principalmente uma mão-de-obra disponível sub remunerada e beneficiada por uma legislação trabalhista extremamente flexível, de jornadas de 12 horas e salários mensais em torno de 28 dólares.

Em busca do oásis asiático, a deslocalização passou a ser a estratégia de muitas indústrias que eliminaram os ativos físicos nos tradicionais países e passaram a contratar unidades de produção, principalmente na Malásia, Cingapura, Taiwan, China e Tailândia.

Não por acaso, na década de 80, inúmeras empresas americanas e européias migraram em massa para o sudeste asiático aproveitando-se de todas as vantagens ofertadas pelos países hospedeiros. Assim, uma empresa como a Nike (90% produção oriundos, particularmente da Indonésia) não mais possui ativos físicos e produz através da subcontratação de empresas para a fabricação dos seus mais diversos produtos. A rentabilidade da empresa se nutre da exploração do trabalho infantil de crianças operárias com 13 anos em média. O *taylorismo sanguíneo* revitalizado, continua abastecendo o capitalismo mundial, e não estamos mais no século XIX.

Mesmo assim, o futuro radiante, prometido às nações emergentes e aos novos países industrializados, tinha um preço que foi pago particularmente com a força de trabalho. Lamentavelmente, o *dumping* social se constituiu numa das grandes vantagens na captação de investimentos nesse lugar do mundo.

Observamos no cenário da globalização que o processo de exclusão já é realidade para todos os países e é visto como uma ameaça em potencial, da qual ninguém está a salvo. Entre os coadjuvantes, estão vulneráveis trabalhadores de todos os países: assalariados com formação e remuneração mais elevadas, os técnicos de nível médio, os trabalhadores pouco qualificados ou sem nenhuma qualificação, além dos diversos empregados do setor informal que alimenta a economia tradicional através da sub-contratação e terceirização da produção e de serviços.

Acrescente a esses trabalhadores,

ameaçados pelo espectro do desemprego, os que já se encontram fora do mercado de trabalho e que vêem suas chances de (re) ingresso diminuírem a passos largos. Esses desempregados, de acordo com Lipietz (1996, p. 38) “*são aqueles que o capitalismo não precisa mais, nem para meter medo e chantagear os trabalhadores estáveis*”. Cresce portanto, em nível global, o número de trabalhadores sem emprego, com ou sem qualificação, resultando num desemprego crônico, irreversível, sem caminho de volta. São os descartados do sistema, sem qualquer lugar alternativo.

Com o fenômeno de desintegração, provocado pela mundialização, e a falta de políticas públicas de emprego, é todo um processo de solidariedade que se desmantela, deixando à deriva jovens e velhos sem um sistema de previdência que garanta sustento para os que estão fora do mercado de trabalho e da sociedade de consumo. Os riscos maiores desse modelo econômico não estão apenas na desagregação entre os homens, mas na perda de referências éticas e identitárias.

No Brasil, os estragos dessa guerra de poucas medalhas estão estampados nos *outdoors* do cenário real, cotidiano, e contabilizados não apenas através dos índices do desemprego, mas da violência urbana, das desigualdades sociais crescentes e finalmente no somatório de todos os indicadores de desenvolvimento humano – IDH – que tristemente ostentamos.

Ainda assim, se comemora o surgimento dos novos setores da economia considerados promissores. É neles que se depositam as esperanças quanto à oferta de novos postos de trabalho. Entretanto, o conhecimento das regras e estratégias dessa economia que se desenha é ainda incipiente. Pouco se sabe sobre os novos nichos de emprego, e a demanda por profissionais dessas áreas tem sido preenchida com muita dificuldade. Os recursos humanos das empresas que recrutam destacam a especialização e a qualificação como insuficientes quando avaliam os ativos requeridos para o novo perfil de trabalhador. Por outro lado, o sistema de formação existente não está preparado para capacitar indivíduos para um mercado de trabalho sem contornos definidos.

É importante, pois, ressaltar que as maravilhas cantadas pela “nova economia”, sobre

o desmantelamento das hierarquias do comércio tradicional, e o enfraquecimento da hegemonia do mercado escondem os perigos dessa expansão à *grande vitesse*. Os maiores riscos estão na capacidade dos grupos econômicos poderosos de dominarem o imenso shopping virtual.

Habilmente, as empresas do cyber mundo aliam avanços tecnológicos, mudanças culturais e através da imagem, do som e dos hipertextos definiram e padronizaram um modelo de sociedade interconectada, criando novos espaços de trabalho e de divertimento. A concentração, difusão e dominação da informação nas mãos de alguns grupos podem prejudicar o processo civilizatório da humanidade, condenando a criatividade e a diferenciação dos povos a se espelharem num *modus vivendi* único, padronizado, adquirido nas prateleiras das lojas virtuais de *convenience*, ainda que de impossível acesso para muitos.

A “Era Informacional” e a Formação da Tecnosociedade

Os últimos anos do século XX foram palco de sucessivas transformações de ordem econômica, tecnológica e política com eco em vários segmentos da sociedade. Em resposta, o processo de adaptação à multitude de variáveis flutuantes, imprevisíveis, não foi incorporado na mesma proporção e intensidade pela maioria dos países. A velocidade com que as transformações aconteceram deixaram um rastro de perplexidade e impotência impedindo muitas vezes estratégias de resistência por parte de algumas nações.

Na gênese do fenômeno destacamos a década de 70 que inaugura a *era da informação* (CASTELLS, 1999) com avanços tecnológicos visíveis em alguns setores referências como a micro-eletrônica, a química fina, a biotecnologia. Mas foi na Informática que os progressos da tecnologia foram mais importantes, implementando inovações nos processos produtivos através da automação, robotização e, particularmente, promovendo a universalização da Internet.

A difusão das inovações advindas da terceira revolução industrial se propagou nas décadas seguintes, integrando horizontalmente empresas e verticalmente nações e indivíduos, alterando valores e modelos econômicos e culturais.

As análises sobre a crise que se instalou foram realizadas por muitos teóricos de vários países, dentre eles. Rifkin que em 1995 preconizava o fim dos empregos e mostrava como nos Estados Unidos cada setor produtivo estava sendo afetado por essas inovações. Desde então, contrariamente aos seus pressupostos alarmantes, a nação americana atravessou o mais longo período de prosperidade da sua história com taxas de desemprego oficial em torno de 4,1%, maior vitalidade das empresas americanas e sucessivos recordes nas bolsas de valores. Esses superlativos, entretanto, não foram suficientes para superar a crise social. Nunca os americanos trabalharam tanto; o número de pobres aumentou consideravelmente e muitos estão vivendo sem um sistema de previdência (seguro saúde e seguro desemprego). Reforçando a tese do Rifkin, Forrester (1997) também traçou um quadro pessimista para a França, atribuindo o aumento dos desempregados em razão da extinção generalizada de postos de trabalho, motivados também por imperativos tecnológicos e pela visível ineficiência das Políticas de Emprego implementadas no país, nos últimos anos (TINOCO; BEAUGRAND, 2001).

As mudanças tecnológicas causaram prejuízos irreparáveis no trabalho formal, com carteira assinada, em tempo integral, com direitos garantidos e que seriam, posteriormente, abalados, também, pelas alterações de natureza jurídica. Por outro lado, surgiu o trabalho precarizado, em tempo parcial, temporário, inseguro (LEBAUBE; PERRET, 1997), sem remuneração definida. Muitas empresas de recrutamento fizeram sua aparição como intermediárias de um novo tipo de mão-de-obra sem nenhum respaldo legal, sem elos com o sistema previdenciário. Entre as mais importantes, a "Man Power" tem hoje filiais espalhadas pelo mundo inteiro.

É importante ressaltar que o fenômeno da precarização do trabalho não é mais uma característica das sociedades do chamado "terceiro mundo". A deterioração das condições de trabalho toma forma e se expande também nos países desenvolvidos de economia pós-industrial, principalmente em consequência da deslocalização das empresas que migraram para outros países e em razão da redução do salário real, que obrigou

os indivíduos a acumular vários empregos, a fim de manter o padrão de vida anterior (SCHOR, 1992).

Nesse processo de desorganização da sociedade, a busca por outras formas de emprego levou os desencantados do sistema a celebrarem qualquer alternativa de perspectiva de (re) inserção no mercado de trabalho. Não foi, portanto, por acaso que o surgimento de novos setores da nova economia significou muito para um mercado de trabalho em crise.

Anatomia da Nova Economia

No cenário do século 21, observamos a consolidação da "Nova Economia" que se constitui de empresas de alta tecnologia, dos editores de softwares, dos operadores de telecomunicações, das empresas de mídia, dentre outras. Na origem dessas transformações, estão os avanços de uma tecnologia que se internacionalizou e mudou o roteiro do sistema capitalista.

A INTERNET surge nos anos 60, nos Estados Unidos, como resultado de um projeto tecnológico de defesa desenvolvido pela DARPA - Advanced Research Project Agency - (Departamento Americano de Defesa). Já no início da década de 80, a INTRANET (rede de comunicação entre empresas) foi instalada com o objetivo de concentrar informações sobre os diversos aspectos ligados ao comércio, divulgando para as empresas fontes de dados atualizadas em permanência. A partir daí o comércio eletrônico toma forma, se desenvolve e amplia seu alcance para outros segmentos da economia. O avanço da INTRANET, como rede de difusão de informações, permitiu posteriormente que fossem criados sites privados na WEB e acessados, inclusive, a partir dos PCs domésticos. O comércio eletrônico no cyberspaço transformou a comercialização de produtos e serviços e eliminou os intermediários do comércio tradicional. Em consequência muitas empresas e muitos postos de trabalho desapareceram com o clicar de uma tecla. O maior produto dos avanços tecnológicos da década de 70 e da invenção dos TCP (Transmission Control Protocol) iria assim revolucionar as formas tradicionais da economia, da sociedade e dos homens. A partir de então, a

hegemonia americana do sistema se consolida e conquista a organização e definição dos espaços do cyberspaço.

Mas é somente no início dos anos 90 que a sociedade informacional se torna conhecida em nível mundial. Ela começa a ser gestada nos anos 70, com a aparição do microprocessador e particularmente com o surgimento do microcomputador (1975). Juntos esses elementos foram responsáveis pelo aparecimento de um modelo de sociedade interconectada que revolucionou os meios tradicionais de comunicação, ao mesmo tempo que banalizou produtos elaborados, tornando-os obsoletos na mesma velocidade da introdução de novas tecnologias. Essa indústria de ponta, de estilo fordista, inspirada no consumo de massa, disponibilizou, através da INTERNET, um arsenal de programas, diretórios e provedores e criou uma rede cujo número de consumidores não cessa de crescer (BEAUGRAND, 1999).

Dentre os principais baluartes da tecno-sociedade se destacam a comutação eletrônica, satélites de baixa órbita, cabos axiais, fibras óticas e finalmente a disseminação do microcomputador. Todas essas mudanças tiveram efeitos imediatos e irreversíveis no mundo do trabalho, materializados, principalmente, através de processos de automação e de novos parâmetros de competitividade e produtividade. A partir de então, ficou visível a perda de importância do trabalho humano em setores distintos, como fábricas robotizadas, bancos, empresas de telecomunicações, empresas estatais de prestação de serviços (água, luz), dentre outras. Paradoxalmente, verificou-se que os setores de alta tecnologia, que mais demitiram empregados, foram os que mais criaram postos de trabalho, como é o caso das telecomunicações em que apesar dos programas de reestruturação implementados nas companhias públicas e privadas de telefonia fixa, o avanço da telefonia móvel é responsável, hoje, por um número crescente de novas vagas (CASTELLS, 1999). A indústria dos novos equipamentos da sociedade informacional tem apresentado estoques positivos na oferta de novos postos de trabalho.

Mas é na esfera da “Nova Economia” que as perspectivas de emprego merecem uma análise especial, por se tratar, particularmente, de um

campo desconhecido da maioria e se constituir em um setor em plena expansão. Como as empresas são virtuais, as dificuldades de avaliar o seu impacto no mercado de trabalho são muito grandes. Além disso, ainda não se tem claramente as formas de contratação, nem a natureza da maioria das atividades realizadas em rede.

Alguns autores têm ensaiado uma discussão sobre a “Era do acesso”, construída nas bases da Nova Economia. Rifkin (2001) defende a tese de que estamos passando do mundo do território ao do cyberspaço, do mercado às redes, onde não há mais vendedores e compradores, trocas de bens e serviços, mas fornecedores e utilizadores. Na “Era do acesso,” as tecnologias do “B to B” Business to Business (entre empresas) ou “B to C” Business to Consumers” (entre empresas e consumidores) se abastecem da principal matéria prima – a informação.

Para Castells (1999, p. 78), a primeira característica do novo paradigma tecnológico é a informação. Ao contrário das revoluções tecnológicas anteriores, “*são as tecnologias que agem sobre a informação, e não informações que agem sobre a tecnologia*”. Ainda de acordo com o autor Castells (1999, p. 87), a Nova Economia

é informacional porque a produtividade e a competitividade de unidades ou agentes (sejam empresas, regiões ou nações) dependem da capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação e global porque as principais atividades produtivas, o consumo e a circulação estão organizados em escala global.

As empresas do tipo *star-up* – (pontocom) proliferam no cyberspaço e criam uma nova categoria de empregados: os cybertrabalhadores, que são na sua maioria anônimos e sem endereço físico do local do trabalho. As empresas de telecommuting, de telework, e de network podem funcionar com empregados situados em lugares distantes. O desempenho das grandes empresas demonstra que os ativos físicos tendem a desaparecer da contabilidade por se constituírem em despesas. Nesse novo processo, a “propriedade dá lugar ao acesso”(RIFKIN, 2001).

Na era industrial grandes empresas proprietárias de um patrimônio industrial invejável

como a General Motors, embora considerada a maior empresa do mundo em capital físico, não consta da lista das quarenta maiores empresas na bolsa de valores de Nova York (THE ECONOMIST, 1999). Já na era informacional o valor que é criado nas relações se constitui de forma diferenciada, segundo a categoria de novas e velhas empresas - pertencentes a Nasdaq (Bolsa de valores para as empresas de tecnologia) ou ao Dow Jones (indicador da bolsa de valores de Wall Street para os índices das maiores empresas industriais) não mais necessariamente aquelas proprietárias de um grande capital físico.

Em menos de 20 anos, o processo de *Mcdonaldização do mundo* transformou as noções de tempo e espaço no tratamento da informação, nos meios de comunicação e transporte, na organização da produção e nas relações de trabalho. Com a queda das barreiras geográficas, a deslocalização das empresas redefiniu, finalmente, novas formas de produção, beneficiando novos processos de flexibilização e de gestão do trabalho, que, juntamente com ganhos crescentes de produtividade permitiram a banalização de bens de consumo duráveis barateados. Dessa forma, os empregos subtraídos dos trabalhadores dos países mais desenvolvidos resurgiram em nações mais atrasadas. Para os novos desempregados restaram poucas alternativas. Além dos postos de trabalho no setor de serviços, as ocupações disponíveis estavam na esfera da "nova economia", e eram relativas aos segmentos da alta tecnologia, com níveis de capacitação e qualificação bem mais elevados.

Ainda que se afirme que muitas categorias de trabalho tenham sido eliminadas, alguns autores como Castells (1999), sustentam a tese contrária.

o processo de transformação da estrutura de mercado de trabalho não elimina nenhuma categoria importante de serviços a não ser o trabalho doméstico. O que ocorre é uma diversidade cada vez maior de atividades e o surgimento de um conjunto de conexões entre as diferentes atividades que torna obsoletas as categorias de emprego (1999, p. 237).

Assim a transferência de empresas dos países mais desenvolvidos para países mais atrasados, trocou altos salários pela baixa

remuneração dos trabalhadores, "protegidos" pela flexibilização da legislação trabalhista. A ser confirmar essa tendência o terceiro mundo vai ser responsável por toda a produção fabricada mundialmente mas continuará comandado pelos grupos ricos do centro. Na "Nova Economia" o preço pago pela idéia é bem maior do que o pago pela produção do bem. Aos países mais desenvolvidos a remuneração pela concepção e elaboração dos produtos, patentes e royalties; aos menos desenvolvidos, restará agregar valor à marcas e grifes européias e americanas que serão vendidas a preços bem mais elevados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na era informacional, a principal matéria prima tem sido a informação, e como moeda importante na globalização os lucros da sua utilização são revertidos em favor dos grupos detentores dos sistemas de comunicação. No universo dessa sociedade em construção já se percebe que muitas empresas serão eliminadas do processo. Os riscos maiores estão na concentração e monitoramento desse mercado, ultra-rentável, controlado por alguns grupos. Dentre os principais, estão os do setor de informática (Microsoft, Intel, IBM, MacIntosh, ITT), as empresas de telefonia e de satélites de baixa órbita (ATT, Motorola, Alcatel) e as empresas culturais (ABC, Disney, Bertelsmann, Time Warner, MTV) que não só concentram poder mas mantêm os cartéis do setor. As oscilações nas cotações em bolsa das ações dessas grupos vêm acenando para períodos de incerteza, quanto ao futuro das empresas de tecnologia.

Embora se observe um aumento de empregos na esfera da "nova economia", essa euforia não pode ser traduzida como uma tendência garantida, de médio prazo. No mundo inteiro, muitas empresas pontocom têm encerrado suas atividades com menos de 6 meses de existência (LIBERATION, 2000). Constata-se, portanto, que é ainda na economia tradicional que se cria a maior parte dos empregos formais permanecendo, dessa forma, como referência principal. Mesmo assim, é preciso não perder de vista as grandes mudanças no rumo da economia e a dinâmica dos novos processos de produção que são

implementados. Alguns elementos são definidores como as novas tecnologias, os processos de reestruturação e principalmente as políticas de emprego, passivas e ativas. Juntos, esses aspectos acenam para a necessidade de reformulação das políticas de formação e qualificação que devem estar em sintonia com a realidade do mercado de trabalho. E na busca por mais empregos todas as alternativas merecem ser analisadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUGRAND, Eleonora. **Comércio eletrônico: o novo mercado da economia mundial**. Revista de engenharia de Produção, v.1, jan./jun.1999.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede, a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v.1.

THE ECONOMIST, n. 12/19, sept. 1999.

FORRESTER, Viviane. **O Horror econômico**. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1997.

LEBAUBE, Alain; PERRET, B. **Le Travail: toujours moins au autrement**. Bruxelles: le Monde: Editions Marabout, 1997.

LIBERATION: Le plein Emploi. [artigo científico]. Acesso em 7 out. 2000. (Internet).

LIPIETZ, Alain. **La Société en sablier: le paartage du travail contre la déchirure sociale**. Paris: Éditions La Découverte, 1996.

RAMONET, Ignácio. Globalitarisme. *Le Monde Diplomatique*, Paris, dez. 1997.

RIFKIN, Jeremy. **O Fim dos empregos, o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho**. São Paulo: Makron Books, 1995.

_____. Jeremy. **A era do acesso: a transição de mercados convencionais para networks e o nascimento de uma nova economia**. São Paulo: Makron Books, 2001.

SCHOR, Juliet B. **The overworked american: the unexpected decline of leisure**. New York: Basic Books, 1992.

TINÓCO, Dinah; BEAUGRAND, Eleonora. Políticas de emprego no Brasil e no mundo. In: _____. **Diagnóstico do mercado de trabalho da Grande Natal**. Natal. DIEESE: UFRN: UNITRABALHO, 2001.